

**UNIVERSIDADE TIRADENTE-UNIT**

**CURSO DE PEDAGOGIA**

**NATALINA BISSARO SIQUEIRA CHAVES**

**A RELAÇÃO ENTRE AFETIVIDADE E INTELIGÊNCIA NO  
DESENVOLVIMENTO INFANTIL**

Aracaju/SE  
2011

# **UNIVERSIDADE TIRADENTE**

**NATALINA BISSARO SIQUEIRA CHAVES**

## **A RELAÇÃO ENTRE AFETIVIDADE E INTELIGÊNCIA NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência parcial para a conclusão de Curso de Pedagogia a Universidade Tiradentes-UNIT Campus Centro.

**Prof<sup>ª</sup>. Orientador (a):  
MSc. Mariângela Dias Santos**

## DEDICATÓRIA

Em primeiro lugar ao meu filho Diego, pois foi acompanhando seus estudos que me descobri como educadora.

Ao meu esposo Nilson Israel, pelo seu apoio, estímulo e companheirismo, assim, tornando possível essa caminhada.

A todas as minhas irmãs, pois esse afeto que nos une é que nos motivam na caminhada da vida, em especial Maria Laura e Eliza.

A minha amiga Érika, que me convidou e incentivou para juntas começarmos a nossa formação.

A todas as crianças que já passaram por mim e as que vierem a passar por mim como alunos.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus primeiramente, por estar sempre presente em minha vida, abençoando todas as minhas conquistas.

A meu filho Diego, por compreender a minha ausência em muitos momentos durante esses anos.

A meu esposo, Nilson Israel, pela ajuda, compreensão, incentivo, sempre me apoiando e me dizendo que tudo era possível, sou grata por todo seu amor e paciência.

A todos os Professores do Curso de Pedagogia, pela contribuição necessária, para o meu crescimento pessoal e profissional.

A Professora Mariângela, por seu profissionalismo e por ter me orientado na construção desse estudo.

“Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas.”  
Saint Exupéry

# SUMÁRIO

|  |    |
|--|----|
| RESUMO .....   | 6  |
| INTRODUÇÃO .....   | 6  |
| 1. A CONCEPÇÃO WALLONIANA DE AFEIVIDADE .....                        | 7  |
| 2. OS EFEITOS DA AFETIVIDADE NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL .....       | 17 |
| 3. A IMPORTANCIA DA AFETIIVIDADE NA RELAÇÃO PROFESSOR-<br>ALUNO..... | 23 |
| CONCLUSÃO .....  | 26 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....                                      | 28 |

## RESUMO

A temática do presente artigo destaca a afetividade como eixo central do desenvolvimento infantil, bem como sua relação com o desenvolvimento cognitivo e interação professor-aluno, segundo conceitos e teorias walloniana. Para Wallon a afetividade é inicialmente determinada pelo fator orgânico, e ao longo da vida passa a ser fortemente influenciada pela ação do meio social, defende ainda a evolução progressiva da afetividade concomitante com o desenvolvimento humano, sendo que assim como a inteligência a afetividade também evolui. Tema central na obra desse autor é sobre os efeitos da emoção, principalmente na sala de aula e mais precisamente na relação professor-aluno. Sendo assim, tomando por base as pesquisas desse autor e seus seguidores, este artigo se caracteriza por ser um estudo bibliográfico no qual busco dialogar com: Almeida (2004, 2008), Galvão (1995) e Dantas (1992). O objetivo deste estudo é apresentar a relação entre a afetividade e inteligência e os efeitos da afetividade no desenvolvimento infantil, como também a importância nas relações entre professor e aluno, os quais promovem a interação da criança com o social e o mundo que a cerca. Portanto, vimos neste estudo que o professor é responsável pela formação da personalidade da criança. Sendo assim, o estudo da afetividade é muito importante para a formação do pedagogo, pois esse conhecimento traz muita contribuição para a ação pedagógica,

**Palavras-chave:** Afetividade, inteligência, emoção, relação professor-aluno.

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por finalidade refletir sobre a importância da afetividade no desenvolvimento infantil, sua relação com a inteligência, seus efeitos no desenvolvimento da criança, além da importância da mesma no meio escolar como constitutiva e propulsora do desenvolvimento do aluno em sala de aula, na relação professor-aluno, fazendo com que o mesmo adquira a habilidade de expressar suas emoções, facilitando assim, seu desenvolvimento cognitivo, sua interação com o meio social.

No primeiro tópico, falarei sobre a concepção walloniana de afetividade. Este autor debruçou-se, grande parte de sua vida, sobre o estudo das emoções e da afetividade. Identificou as primeiras manifestações afetivas do ser humano e suas características. Estudou, também, a grande complexidade que a afetividade e as emoções sofrem no decorrer do desenvolvimento, assim como suas múltiplas relações com outras atividades psíquicas.

No segundo tópico o tema central enfatiza os efeitos da afetividade no desenvolvimento infantil, a passagem dos estágios de desenvolvimento não se dá linearmente, por ampliação, mas por reformulação, instalando-se no momento da passagem de uma etapa a outra, crises que afetam a conduta da criança.

E no terceiro e último tópico estudei sobre a importância da afetividade na relação professor-aluno onde é imprescindível que o professor conheça o papel das emoções e intencionalmente ajude a quebrar o "circuito perverso" reagindo corticalizadamente, em outras palavras, que conheça seus alunos no aspecto cognitivo e também no aspecto emocional.

Por fim, explico a relação professor aluno, falando sobre a importância das manifestações afetivas evoluírem em nível cognitivo conforme avança a idade da criança.

## 1. A CONCEPÇÃO WALLONIANA DE AFETIVIDADE

Segundo a concepção walloniana, a personalidade humana é constituída basicamente por duas funções: a afetividade e a inteligência, sendo que o nascimento da primeira é anterior da segunda. Segundo o autor, enquanto a criança não possui o domínio da palavra, é o movimento afetivo que garante sua relação com o meio e com o mundo que a cerca.

A escola de educação infantil é um espaço privilegiado de contato com o outro e de construção de vínculos, em que a questão da afetividade aparece como fator primordial na relação entre as pessoas.

O recém-nascido, por uma questão de sobrevivência, relaciona-se primeiro com o mundo das pessoas. A base de antecedência da afetividade à inteligência está na maturação precoce de seus centros nervosos, os movimentos e os gestos de expressão aparecem desde o período pré-natal. E “desde o início são carregados de afetividade, tornando-se a base das mais variadas emoções” (ALMEIDA, 2004).

A afetividade no recém-nascido é expressa pelo tônus (descargas musculares, espasmos, reflexos), mantendo com o meio próximo uma espécie de interação não-verbal, uma mímica. Essa comunicação que o bebê estabelece com a mãe, foi designada por Ajuria-guerra (*apud* ALMEIDA, 1977) de “diálogo tônico” (diálogo visto que a criança se comunica, tônico, por que é uma comunicação estabelecida a partir do tônus muscular), Veja como Galvão (GALVÃO, 1995, P.42), nos relata essa comunicação no recém-nascido:

Não há adulto que permaneça indiferente aos gritos ou às gesticulações de um recém-nascido. Seus movimentos expressam disposições orgânicas, estados afetivos de bem estar ou mal-estar. A vivência de situações desagradáveis, como fome, cólica ou desconforto postural se expressa em espasmos, contorções, gritos. Diferentemente, o bem-estar decorrente de situações como a saciedade, o sabor do leite ou o contato com o seio da mãe se expressa por uma movimentação menos tensa, mais harmoniosa: os olhos se abrem bem, os lábios esboçam um sorriso e, quando a satisfação é intensa, as pernas se mexem como se estivessem pedalando no vazio (GALVÃO, 1995, P.42).

Segundo esta assertiva, o recém-nascido, apresenta movimentos impulsivos que exprimem desconforto ou bem estar sendo interpretados pela mãe e se transformam em movimentos comunicativos estabelecendo assim um dialogo.

Convém informar que a linguagem diversifica a comunicação, pois a palavra pouco a pouco vai substituindo o diálogo do toque pelo diálogo oral, esse, tornando-se um excelente mecanismo de negociação. O ouvir e ser ouvido no mundo infantil é de extrema importância. Um elogio feito em palavras substitui um carinho.

Portanto, a linguagem usada pelo educador para interagir com a criança é um instrumento afetivo importantíssimo, uma vez que pode contribuir com a expressividade da criança no mundo das imagens e dos símbolos. Diante disso, em sala de aula o diálogo passa a ser um aspecto indispensável, sendo necessário que o educador aja com afetividade construindo uma relação harmoniosa com respeito e admiração entre professor e aluno.

Nos primeiros momentos de evolução dos gestos afetivos da criança, que ainda se encontra mamando no peito, nos deparamos com gestos mais diversificados, dentre eles o impulso de raiva, o medo e a alegria

Nesse sentido, os primeiros comportamentos do bebê estão relacionados ao pegar, apontar, sorrir ou chorar e assim, ele faz todo o possível para chamar a atenção de quem está próximo, que na maior parte dos casos é a mãe.

Na escola, por haver então, o contato com pessoas que a criança ainda não estabeleceu nenhum tipo de vínculo ou apego, faz com que esta se comporte diferente, pois ela ainda não se acostumou com as novas feições que acabou de conhecer. Sendo assim, levará algum tempo para que a criança se apegue a alguém, podendo se apegar a inúmeras pessoas, dentre elas, os amiguinhos e principalmente o educador que estará mais em contato com ela. Assim, a afetividade será um dos principais alicerces para o desenvolvimento da relação entre aluno-aluno e aluno-professor.

Diz Almeida (2004, p. 44) que na teoria walloniana, “a afetividade é o ponto de partida do desenvolvimento do indivíduo”. E que a vida afetiva da criança depende do outro para se ordenar, e isso se inicia com a interação alimentar com a mãe e sendo substituída com a interação afetiva com a mãe.

O meio familiar em que a criança está inserida é o seu primeiro ambiente de aprendizagem, é nesse meio que a criança aprende as primeiras habilidades sociais, com a comunicação entre seus. Galvão (1995) diz que a pessoa deve ser vista integrada ao meio da qual é parte constitutiva e no qual, ao mesmo tempo, se constitui.

Percebemos assim, que o meio social é constitutivo do comportamento futuro que esta criança apresentará, portanto, a afetividade como elemento constitutivo das relações vivenciadas na escola e mais particularmente na sala de aula, possibilita o amadurecimento da criança e influência na construção da identidade desta criança, onde irá realizar conquistas afetivas que constituirão a sua personalidade, tendo suas próprias particularidades, porém fazendo parte de um todo, a sociedade.

Nota-se que as conquistas afetivas vão-se realizando com o estabelecimento das bases da construção do eu, através da entrada na escola, com diversificação deste meio, na formação de grupos. Na análise de Wallon essa individualização se dá gradativamente percorrendo estágios de desenvolvimento. A passagem dos estágios de desenvolvimento não acontece em seqüência linear e nem fixa, e nem um estágio suprime o outro, para o autor, o estágio posterior amplia e reforma o anterior, sendo natural ocorrer rupturas, retrocessos e reviravoltas, os conflitos de crescimento, mesmo os que resultam em retorno a um estágio anterior, são geradores de evolução, possibilitando a transformação do sujeito.

Vale destacar, que os estágios a que se refere são de suma importância para a educação, por compreender o desenvolvimento humano. O educador a partir dos estágios

pode elaborar atividades para o desenvolvimento do educando na aprendizagem, para colaborar de acordo com a predominância do afetivo e cognitivo.

Galvão (1995) concorda com Almeida (2004) quando afirma que a cada estágio uma manifestação afetiva diversa se constitui, observando-se progressos nas interações da criança com o seu meio próximo sendo cada vez mais fortes.

No espaço escolar isto é referenciado quando a criança já tem um laço afetivo com o professor, sendo o professor a primeira pessoa a quem a criança irá se apegar na escola. E esse apego faz parte do desenvolvimento afetivo e é através desse vínculo que a criança se sentirá segura necessitando da presença do professor, para assim, conseguir se soltar perante seus amiguinhos.

A afetividade de ordem moral, só se manifesta na criança, quando outras funções começam a atuar como a representação e o conhecimento, ou seja, quando já se executa o conflito entre a emoção e a razão. As emoções, os sentimentos as paixões, são estágio de afetividade, que pressupõe desenvolvimento de certa capacidade levando a maturação. Wallon (*apud* ALMEIDA, 2004) afirma que quanto mais habilidade a criança tiver na parte racional, maior será o desenvolvimento da afetividade, no qual o progresso das atitudes mentais alicerçará os sentimentos e a paixão. Vale lembrar que as relações que definirão o crescimento interno da criança serão mais complexas, quanto maior for à idade da criança.

Por exemplo, quando o indivíduo chega à adolescência, ocorre uma fase de transformação que atinge principalmente o campo moral das relações com outro indivíduo, com isso ele começa a questionar a si mesmo e a se auto-avaliar, começa a entrar em conflito com o meio que o cerca e acaba questionando os valores que lhe são impostos e suas relações sociais.

Nesse contexto, se observa que no cotidiano da sala de aula, situações de conflito aluno/aluno, aluno/professor são muito comuns. Tendo como motivos diversos fatores. Vale

observar o propósito do professor em encarar esses conflitos como possibilidade de reflexão, permitindo ao aluno a análise das situações e das questões que o impulsiona a determinadas atitudes. Com isso, faz-se relevante destacar a visão construída por muitos professores de que quando falamos de afetividade estamos nos referindo apenas às manifestações de carinho. Nesta etapa de desenvolvimento o diálogo é mais significativo para estimular o interesse, a necessidade e a conscientização na relação ensino-aprendizagem e pode contribuir para a reciprocidade entre afetividade e aprendizagem.

Em se tratando de adolescentes é importante que a relação afetiva seja mais cognitiva, que se concretize considerando, ou seja, que a relação professor-aluno se dê como uma parceria afetivo-cognitiva, evidenciada através de uma linguagem onde haja espaço para o elogio, o incentivo e mesmo para a repreensão necessária, direcionada ao outro como possibilidade de reflexão, conscientização e formação.

A escola constitui-se num espaço essencialmente educativo, cuja função principal é a de mediar o conhecimento, possibilitar ao educando o acesso e a reconstrução do saber. Essa função está imbricada nas relações, pois a transmissão do conhecimento se dá na interação entre pessoas. Assim, nas relações ali estabelecidas, professor/aluno, aluno/aluno, o afeto está presente. Um dos componentes essenciais para que esta relação seja significativa e represente uma parceria no processo ensino-aprendizagem, é o diálogo.

Pode se imaginar que afetividade tende a modificar a parte moral do indivíduo fugindo das interferências que a racionalidade é capaz de produzir, mas Wallon (*apud* ALMEIDA, 2004) faz questão de destacar que o desenvolvimento intelectual influencia a vida afetiva e vice-versa, afirmando que entre ambas, existe a mesma evolução.

Jalley (*apud* ALMEIDA, 1985, p.16) comentando uma obra de Wallon, afirma: “A personalidade é uma construção progressiva, na qual se realiza a integração, segundo relações variáveis, de duas funções principais, a afetividade, por um lado, vinculadas as sensibilidade

internas, e orientada para o mundo social, para a construção da pessoa; a inteligência, por outro lado, vinculada às sensibilidades externas, e orientada para o mundo físico, para a construção do objeto.”. Nesta perspectiva, inteligência e afetividade estão integradas. No entanto, o autor admite que, ao longo do desenvolvimento humano, existem fases em que predominam o afetivo e fases em que predominam a inteligência.

Sendo assim, o professor precisa ter isso claro para elaborar e desenvolver atividades estimulantes, que tenha como objetivo o desenvolvimento da criança nos dois aspectos.

Numa visão mais abrangente, Wallon abordou a questão das emoções, que se constituiu numa teoria, não a privilegiando em relação à inteligência, mas apontando para a relação complementar existente entre ambas. Wallon nos alerta sobre a importância que o ser humano deveria dar aos dois aspectos da personalidade humana. Entretanto, ele enfatiza que esta não é uma tarefa muito fácil quando se enfrenta a natureza insubordinada da emoção. Segundo ele, para que se produza intelectualmente, é imprescindível não se submeter ao poder da emoção, pois isso afetaria a percepção de mundo real e conseqüentemente reduziria o nível da atividade intelectual do sujeito. É necessário tentar uma racionalização da situação emotiva, em casos de intensa reação emocional. Da mesma forma em algumas atividades intelectuais, é necessário um trabalho de emocionalização, para que se faça de tal atividade algo mais criativo e espontâneo.

No momento em que a criança se dirige à escola, carrega consigo todos os conhecimentos que já foi capaz de adquirir, bem como os prenúncios de sua vida afetiva. De forma dialética estes aspectos se relacionam, interagindo de maneira expressiva sobre a afetividade do conhecimento. Desta maneira, a escola, bem como todos os responsáveis por promover a socialização, possui uma função de valor imensurável no desenvolvimento infantil. Deste modo, é fundamental que o professor saiba o significado e conseqüências das emoções para buscar quebrar o “circuito perverso”, que de acordo com Almeida, (ALMEIDA,

2004) o “circuito perverso” se instala quando o indivíduo não consegue reagir de forma corticalizada, equilibrada, racional, diante de reações emocionais alheias. O perigo de não reagir a este circuito está que uma vez instaurado, o sujeito torna-se mais vulnerável à ampliação das reações afetivas.

Estas emoções são possuidoras de características específicas como: a Plasticidade, característica esta que envolve a expressão corpórea (rubor na face, tremor nas mãos, etc.); a Regressividade, que representa a capacidade de diminuir seus efeitos perante a atividade cognitiva; e, a Contagiosidade, expressa pelo poder de contaminar o outro. A emoção tem um papel essencial na evolução do homem devido a estas características.

Nesse sentido, é necessário que o professor conheça esses mecanismos da emoção, para agir de forma corticalizada em sala aula evitando ser contagiada pela a emoção, conseguindo assim quebrar o circuito. A emoção precisa de platéia, e ignorar a sua dramatização são uma maneira de fazê-la sucumbir à razão, as crises emocionais tendem a perder a sua força.

Portanto, estudar a afetividade pode servir ao professor como um suporte necessário a sua atuação. A sala de aula é considerada pela teoria walloniana como uma grande oficina de convivência, em que o professor é o responsável pela intermediação das relações. Assim, possibilitar as relações afetivas em sala de aula é função pedagógica, e faz parte do que defendemos ser papel do professor.

De acordo com Galvão (1995), diz que Wallon propôs o estudo da criança de forma integrada, ou seja, abarcando vários campos funcionais nos quais se distribui na atividade infantil, elementos básicos que se comunicam o tempo todo: a afetividade, o movimento, a inteligência.

A relação entre a emoção e a atividade intelectual na sala de aula, mostra que tanto o professor quanto o aluno poderá passar por momentos emocionais durante o processo de ensino e aprendizagem. As três principais emoções que exercem ações na sala de aula são: o

medo demonstrado através de situações novas como responder alguma atividade, apresentar algum trabalho etc.; a alegria, que traz inquietação, também pode trazer entusiasmo para a realização das atividades; Na timidez, há hesitação dos movimentos e incerteza de postura. Um tipo de emoção hipertônica, geradora de tônus, é a ansiedade; e por ultimo a cólera, que tem o poder de expor o professor diante da classe trazendo desgastes físicos e emocionais, portanto, trazendo efeitos como contração muscular, gritos, alteração da voz, o que deixa visivelmente para os alunos o estado emocional do professor.

Percebe-se, que com relação ao comportamento emocional, é preciso saber que a emoção é contagiante. É necessário ressaltar também que a criança muitas vezes necessita negar e opor-se ao adulto, no caso, na escola, ao professor. Por isso, obviamente, durante essa fase da criança faz-se presentes além dos afetos positivos, também os entendidos como negativos (a raiva, tristeza, ciúme, inveja, dor e tantas outras). Pois estes sentimentos e emoções são formas de expressão do ser humano, tanto nos aspectos positivos e negativos e que, portanto, a emoção, presente nos conflitos das relações professor/aluno, faz parte do processo de constituição da criança. Sendo que quem dá sentido às manifestações emocionais da criança na escola é o professor. Vale destacar a questão dos limites infantis e da necessidade de demarcá-los com os alunos como uma expressão de afetividade, essa também é uma postura do professor.

Portanto, Dantas (1992) afirma que: “a raiva, a alegria, o medo, a tristeza e os sentimentos mais profundos ganham função relevantes na relação da criança com o meio”. Galvão (1995) ressalta em seus estudos que “a emoção causa impacto no outro e tende a se propagar no meio social.” Assim na maioria das vezes os professores não sabem lidar com as situações emotivas de sala de aula, pois elas podem ser imprevisíveis.

Um exemplo disso é a atenção que é algo necessário dentro da sala de aula e qualquer movimento significa desatenção, que é interpretado muitas vezes como indisciplina, podendo

assim atrapalhar tanto os coleguinhas como a professora. Segundo Almeida (2004, p. 90), diz que as reações posturais das crianças são normalmente interpretadas como desatenção. Assim, há uma grande insistência pela contenção do movimento, como se sua simples eliminação pudesse assegurar a aprendizagem da criança. E ainda Almeida diz, que com essa preocupação em extinguir a ameaça na aprendizagem em sala de aula, ignora-se completamente que o movimento é extremamente necessário para o desenvolvimento completo da criança. De acordo com Galvão (1995), “além do papel na relação como mundo físico, o movimento tem um papel fundamental na afetividade e também na cognição”. Um importante atributo do movimento: “sua capacidade de representar as emoções”. Porém, não se defende a permissividade, pois há momentos em que o movimento é incompatível com atividades acadêmicas, o que a autora afirma, é que os professores devem estar atentos e conhecer mais sobre esses indicadores de estados emocionais levando em conta também o contexto de sala de aula, pois o excesso ou a falta de movimento pode revelar a presença de um estado emocional, seja ela boa ou ruim.

A falta desse conhecimento, por parte dos professores, entre movimentos e emoção, interfere, muitas vezes, no relacionamento professor-aluno. ALMEIDA (2004, p.91), diz:

A falta de clareza a respeito da ligação existente entre movimento e emoção interfere, muitas vezes, na relação professor-aluno. O professor pode cometer o engano em interpretar uma expressão de alegria com indisciplina, levando-o a agir com irritação, já que não se encontra preparado para lidar com situações emotivas na sala de aula, o que é compreensível pela própria natureza da emoção. (ALMEIDA, 2004, p.91).

Portanto, devido à grande dificuldade de interpretar as emoções, os professores acabam por se tornar mais aptos ao contágio, e conseqüentemente, passando a fazer parte do “circuito perverso”, isto é, quando o professor entra no mesmo nível das crianças, discutindo com elas.

Sendo assim, é imprescindível que o professor conheça o papel das emoções e intencionalmente ajude a quebrar o "circuito perverso", reagindo corticalizadamente. Saber como enfrentar as situações emocionais em sala de aula pode gerar uma segurança maior para o professor desenvolver suas atividades escolares. Conforme Almeida (2004) a ausência de uma educação que aborde a emoção na sala de aula traz prejuízos para a ação pedagógica, pois suas conseqüências atingem não só o professor, mas também o aluno.

Muitas vezes os professores se revelam como um alvo frágil e fácil do aluno atingir. Essa falta de aproximação entre o professor e a emoção deixa-o totalmente cego diante das expressões na sala de aula.

Com isso, para que os professores sejam capazes de diminuir a crise emocional, alegria, medo e tristeza, faz-se necessário que tenham acesso e conheçam os mecanismos emocionais que reduzam a emoção ou os deixem menos suscetíveis a ela.

Almeida (2004), diz que a representação é uma forma de reduzir uma crise emocional, portanto, poderão ser trabalhadas várias atividades como: teatro, dinâmicas em grupo, relato oral, o desenho, etc., O Professor deve procurar utilizar as emoções como fonte de energia e, quando possível, as expressões emocionais dos alunos como facilitadoras do conhecimento.

Diante disso, o professor sempre pode provocar o movimento em sua classe, de forma saudável, quando está atento e intervindo individualmente nas diversas manifestações de seus alunos. Se a classe está agitada como um todo, ele vai procurar equilibrar isso dando tarefas que sejam desafiadoras, exigindo deles maior concentração, etc. Ou, ao contrário, se estiverem passivos demais, propor atividades com as quais possam exteriorizar-se, como jogos e brincadeiras.

Portanto, é necessário que o professor reconheça a emoção como conteúdo relevante, que saiba criar o movimento em sua classe como intervenção pertinente, atento as necessidades, faltas e desejos de seus alunos.

## **2. OS EFEITOS DA AFETIVIDADE NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL**

Para Almeida (2004), em ambientes infantis, nas relações familiares, devem saber lidar com as relações afetivas, pois são espelhos de imitação e oposição, além disso, um ambiente equilibrado proporciona equilíbrio emocional. A escola é a instituição encarregada de oferecer a criança meios (conhecimento, técnicas, instrumentos) necessários para realizar suas ações, e o professor, é o mediador desse desenvolvimento.

Pode-se dizer que a escola exerce um papel fundamental no desenvolvimento socioafetivo da criança. Segundo Almeida (2004) diz que a escola, como meio social é um ambiente diferente da família, por ser diversificado, com muitas interações, permite desenvolver relações com seus pares e com adultos, promovendo o desenvolvimento da criança. Ao contrário da família, na qual sua posição é fixa, na escola ela dispõe de uma mobilidade, sendo possível a diversidade de papéis e de posições. Dessa forma, o professor e os colegas são interlocutores permanentes tanto do desenvolvimento intelectual como do caráter da criança, o que poderá ser preenchido individual e socialmente.

Almeida (2004) faz uma crítica aos programas de escolas públicas e privadas, que privilegiam os aspectos cognitivos ao afetivo, o que é fruto de uma deturpação de perspectiva.

(ALMEIDA, 2004, p.103) diz:

A sala de aula é um ambiente onde as emoções se expressam, e a infância é a fase emocional por excelência. Como em qualquer outro meio social, existem diferenças, conflitos e situações que provocam os mais variados tipos de emoção. E, como é impossível viver num mundo sem emoções, ao professor cabe administrá-las, coordená-las [...]. O professor deve procurar utilizar as emoções como fonte de energia e, quando possível, as expressões emocionais dos alunos como facilitador do conhecimento. É necessário encarar o afetivo como parte do processo de conhecimento, já que ambos são inseparáveis (ALMEIDA, 2004, p.103).

É imprescindível que o professor interaja com os alunos, buscando descobrir seus motivos e compreendê-los. Assim, é preciso dar espaço para que a criança expresse seus próprios sentimentos, sem por isso ser julgada, ajudando a expressá-los de maneira social aceitável. É através das diversas interações, escola, família, professor e aluno, que a criança ampliará suas experiências e as quais contribuirão na construção da sua personalidade. Neste sentido pode-se dizer que a emoção é essencial ao indivíduo e a afetividade é o combustível das ações provocadas pelas emoções.

Ao professor, na raiz do pensamento walloniana há uma especificidade assinalada: ele é o eixo da atividade pedagógica. Como transmissor do conhecimento, a ele cabe ser um arguto observador e articulador dos aspectos afetivo e intelectual, ambos inseparáveis e presentes na atividade pedagógica.

Galvão (1995) afirma que a afetividade para Wallon ocorre de acordo com estágios que ele propõe para entender o desenvolvimento humano. De acordo com Almeida (2008), diz que segundo a classificação de Wallon (1956e/1959), são seis os estágios do desenvolvimento infantil.

Assim, segundo a autora, no estágio da impulsividade motora inicia com o nascimento e vai até mais ou menos os terceiro mês. Apresenta duas características básicas: a autonomia respiratória conquistada com o nascimento, e, a dependência da mãe que inclui desde a satisfação de suas necessidades alimentares até a mudança de posição

Conforme Almeida (2008), no estágio emocional, inicia por volta do quarto mês e finaliza no primeiro ano, estão presentes dois momentos: a impulsividade motora e o emocional. A criança nessa fase está voltada para construção do eu.

Segundo Almeida (2008) e Galvão (1995), o estágio sensório-motor e projetivo, inicia no final do primeiro ano e prolonga-se até terceiro ano caracterizado pela investigação e exploração da realidade exterior, bem como pela aquisição da aptidão simbólica, pelo início

da representação e aquisição da linguagem, ou seja, é o momento em que a inteligência humana se dedica à construção relativamente à realidade.

Para Almeida (2008) e também para Galvão (1995), o estágio do personalismo, dos três aos seis anos de idade, como o próprio nome sugere, este estágio está voltado para a pessoa, para o enriquecimento do eu e a construção da personalidade, vai de três a seis anos de idade. A afetividade é marcante neste estágio, na verdade, é o fio condutor do desenvolvimento. A criança aprende a perceber o que é de si e o que é do outro.

De acordo com Almeida (2008) e Galvão (1995), o estágio categorial, inicia a partir dos seis ou sete anos de idade, finalizando aos onze ou doze, ele traz importantes avanços no plano da inteligência. Os progressos intelectuais dirigem o interesse da criança, para o conhecimento e conquista do mundo exterior, imprimindo as suas relações com o meio, uma maneira preponderância do aspecto cognitivo do ser humano, nesta etapa da vida.

Conforme as autoras, o estágio da adolescência, que inicia a partir dos 12 anos de idade, finalizando com a idade adulta, nesse estágio a crise pubertária rompe a “tranqüilidade” afetiva que caracterizou o estágio categorial e impõe a necessidade de uma definição dos contornos da personalidade desestruturados devido às modificações corporais resultantes da ação hormonal.

Para Wallon a afetividade constitui em cada estágio um tipo de manifestação afetiva em virtude das necessidades e possibilidades maturacionais. Conclui-se então que as expressões da afetividade vão se especializando, tornando cada vez mais fortes as interações sociais.

### **3. A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO**

É importante pensar no educador como um ser total, com sua identidade profissional associada a sua identidade pessoal, concepções, crenças, valores e projeto de vida, como ele chegou a ser educador, como é ser educador e de que forma esse percurso influência suas ações. Este conjunto de pensamentos e sentimentos reflete-se na atuação desse profissional, influenciando diretamente nos laços afetivos que desenvolve no decorrer da práxis.

O educador deve manter um relacionamento afetivo com seus alunos para que a aprendizagem possa ocorrer de forma mais espontânea, principalmente, na educação infantil, pois as crianças deixam seu lar, suas famílias para ficar a maior parte do tempo na escola, assumindo um novo papel, passando a seguir regras, assumindo tarefas e, principalmente, reconhecendo suas capacidades e respeitando a si próprio mediante o outro. Segundo Almeida:

A escola pode tornar-se um meio propício para a edificação do eu, na medida em que possibilita a criança experimentar relações simétricas com os mais variados tipos de grupo. Acreditamos, como próprio Wallon, que é na relação com o outro, nas trocas e interações que se estabelecem entre os sujeitos, que ocorrem os prelúdios da delimitação do eu (ALMEIDA, 1995, p.105).

A autora confirma que a criança consegue fazer essa distinção com o outro, e a escola é o espaço para isso acontecer com mais facilidade, onde aflora a sua personalidade. Entre outras coisas, o que distingue o meio familiar do meio escolar são a natureza e a diversidade das relações que os constituem. Acredita-se como o próprio Wallon, que é na relação com o outro, nas trocas e interações que se estabelecem entre os sujeitos, que ocorrem os prelúdios da delimitação do eu.

È indiscutível a relevância tanto da família quanto da escola no desenvolvimento da criança, porém a função da escola começa quando termina a da família e vice-versa. E nessa

reciprocidade de responsabilidades é que devem estabelecer relações específicas, pois Wallon deixa claro que não se deve utilizar como modelo para as interações que o indivíduo venha estabelecer em sua vida, as relações familiares, mesmo que essa pareça ser a ideal. Portanto, diz a autora, que não se devem igualar as relações dos pares mãe-filho à de professor-aluno, que são funcionalmente distintas, a autora afirma ainda, que Wallon, condena a reprodução dos modelos familiares na escola, pois cada meio, com suas interações diversas, tem sua parcela de contribuição no crescimento da criança. A relação professor-aluno, por ser de natureza antagônica, é riquíssima para o crescimento, e os conflitos dessa relação desigual são importantíssimos para a personalidade da criança.

A autora comenta que a escola, muitas vezes, procura manter relações idênticas ao do meio familiar, em defesa de um ambiente “acolhedor”, assim, a escola é vista como a continuação da família, e a professora, como a substituta da mãe.

Para a autora, essa proximidade com o ambiente familiar, caracterizando a escola como um espaço de continuidade da família, e, as professores, indistintamente em sala de aula sendo chamada de tia, expressa na professora uma atitude de assumir o papel caricaturado de mãe, como se a relação professor-aluno não pudesse ser uma relação afetiva, só existindo afeto nas relações de mãe-filho ou tia-sobrinho.

A escola ainda não percebeu que a mudança não está no tipo de relação professor-aluno, mas, na atuação do professor, diz Almeida (2004). Para ela, o professor deve assumir uma atuação de observador, intérprete perspicaz, capaz de identificar dificuldades e conquistas nas relações entre professor-aluno e na apropriação do conhecimento.

Dantas (1992), diz que a escola constitui-se num espaço essencialmente educativo, cuja função principal é a de mediar o conhecimento, possibilitar ao educando o acesso e a reconstrução do saber. Pois, a transmissão do conhecimento se dá na interação entre pessoas. Assim, nas relações ali estabelecidas, professor/aluno, aluno/aluno, o afeto está presente. Um

dos componentes essenciais para que esta relação seja significativa e represente uma parceria no processo ensino-aprendizagem, é o diálogo.

Para Almeida (2004), quando o professor afirma ter com seus alunos relações, caracterizada de “afetuosa”, há uma fragilidade na noção de afeto, porque, normalmente é considerada relação afetiva, apenas as manifestações que envolvem contato físico, desconsiderando-se as necessidades de um afeto mais cognitivo. Para a autora, geralmente, revela-se afeto através do que poderíamos chamar de “lambe-lambe”, limitando-se a beijos e abraços. Sendo assim, o professor desconhece que afetividade evolui, ou seja, que à medida que a criança se desenvolve cognitivamente, as necessidades afetivas tornam-se mais exigentes. Como salienta Dantas (1992), conforme a criança vai se desenvolvendo, as trocas afetivas vão ganhando complexidade. “As manifestações epidérmicas da “afetividade da lambida” se fazem substituir por outras, de natureza cognitiva, tais como respeito e reciprocidade”.

Portanto, passar afeto não é apenas abraçar e beijar inclui também conhecer, ouvir, conversar, admirar a criança, e de acordo com a idade é importante as expressões afetivas exercer uma ação mais cognitiva no nível, por exemplo, da linguagem. Nutrindo cognitivamente essa relação. Veja exemplo no adulto, que fica feliz e estimulado, ao ser admirado, ao receber um elogio. Também para a criança na fase da escola, mesmo mantendo-se o contato corporal como forma de carinho, falar da capacidade do aluno, elogiar o seu trabalho, reconhecer seu esforço, constitui-se formas cognitivas de vinculação afetiva.

Por fim, o desenvolvimento da inteligência implica no desenvolvimento da afetividade. Essa parceria é conseguida mediante a reciprocidade entre ambas no início da vida. Portanto, Almeida (2004, p.108) conclui dizendo, “assim, sobre movimentos pendulares, as evoluções afetivas e intelectuais são fielmente comungadas”. Nota-se, desse modo, que assim como a inteligência, a afetividade também evolui.

## CONCLUSÃO

Conclui-se que as manifestações de afetividade exercem um papel fundamental no processo do desenvolvimento infantil.

Sendo assim, Wallon nos confere uma contribuição importante para se pensar a aprendizagem no âmbito escolar a partir da importância que atribui à afetividade no processo de formação do indivíduo.

Somos seres socialmente afetivos, com isso, a afetividade faz parte de todas as relações humanas. Portanto, na escola e na sala de aula é imprescindível que o professor conheça e diferencie as manifestações da afetividade, para que se possa intervir com coerência a cada circunstância, sem muitos prejuízos tanto ao professor quanto ao aluno. A compreensão da emoção na criança deve ser entendida em relação à emoção do adulto e vice-versa. Evitando assim ser lavado ao chamado circuito perverso.

Concluí-se que existem transformações importantes nas formas de expressão e mudanças significativas nos níveis de exigência afetiva, como salienta Dantas (1992), conforme a criança vai se desenvolvendo, as trocas afetivas vão ganhando complexidade. Adequar a tarefa às possibilidades do aluno, fornecer meios para que realize a atividade confiando em sua capacidade, demonstrar atenção às suas dificuldades e problemas, são maneiras bastante refinadas de comunicação afetiva. Essas novas formas de interação e troca afetivas proporcionam a construção da auto-estima e da autoconfiança, influenciando diretamente no processo de aprendizagem. Da mesma forma, proporcionando sentimentos de compreensão, aceitação e valorização do outro. Enfim, pôde-se concluir que trocas afetivas positivas em sala de aula nas relações professor-aluno e aluno-aluno, não só marca positivamente o objeto de conhecimento, como também favorece a autonomia e fortalece a confiança dos alunos em suas capacidades e decisões.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Ana Rita Silva **A Emoção na Sala de Aula**. São Paulo: Papirus, 4ª edição, 2004.

\_\_\_\_\_ **A Vida Afetiva da Criança**. Maceió-AL: EDUFAL, 2008.

DANTAS, Heloisa. **Wallon - Teorias Psicogenéticas em Discussão**. 13. Ed. São Paulo: Summus Editorial, 1992.

GALVÃO, Izabel. **Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

FAZENDEIRO, Samuel Rodrigues. **Motivação e afetividade nas relações de aprendizagem: questões para pensar a educação física e seu ensino**. Universidade Federal de Minas Gerais Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. 2010. (Trabalho Monográfico apresentado ao curso de Educação Física).

WINTER, Lilian. **A emoção na interação de criança de 02 a 04 anos de idade: um estudo sobre o desenvolvimento em situação de brincadeira espontânea**. Universidade do Vale de Itajaí Centro de Educação de Ciências da Saúde. 2006. (Trabalho Monográfico apresentado ao curso de Psicologia).